# Experiência, Investigação e Ação: Contribuições do Pragmatismo para a Análise do Acontecimento Midiático[1]

Raquel DORNELAS[2]
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é expor algumas das contribuições que o Pragmatismo fornece para o campo comunicacional, no que se refere aos estudos sobre Acontecimento e Acontecimento Midiático. Para tanto, serão bastante úteis as reflexões de alguns autores clássicos da corrente filosófica, principalmente o americano John Dewey e sua abordagem sobre os conceitos de experiência, ação/padecimento e comunidade de investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** acontecimento midiático; pragmatismo; experiência.

## Introdução

Os acontecimentos cercam o nosso dia a dia. Sejam com alcance mais restrito (o pai que abandona o lar e desestabiliza toda a família; um escândalo que choca a comunidade religiosa de uma determinada paróquia) ou mais amplo (uma epidemia que ataca todo um país; um ataque terrorista com consequências intercontinentais, como o de 11 de Setembro de 2001; ou a renúncia de um papa), eles estão por toda a parte. Mesmo quando previstos, os grandes acontecimentos trazem algo que nos surpreendem, possuem um quê de ruptura. Inauguram novas e diferentes visões, de diferentes formas, por parte de diferentes indivíduos.

Quando adquirem uma natureza pública, alguns desses acontecimentos ocupam a pauta midiática. Daí, surgem as divergências nos estudos sobre essa temática. Por um lado, alguns pesquisadores defendem que os acontecimentos são meras construções dos veículos de comunicação: em outras palavras, um fenômeno só se tornaria acontecimento quando perpassasse o discurso midiático – que seria a grande voz da contemporaneidade; a única capaz de traduzir as potencialidades das ocorrências ao cidadão comum e desprovido de ferramentas para tal.

[1] Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: raqueldornelas@gmail.com

Por outro lado, uma segunda abordagem negligencia todo o trabalho de produção de sentido que perpassa os *media*, bem como a visibilidade que o acontecimento alcança por meio dos seus discursos.

Acreditamos que um caminho mais seguro seria o do afastamento de ambas as perspectivas deterministas. Uma análise que apenas descreve o discurso midiático pode obter um resultado simplista. E também não podemos desconsiderar o fato de que a mídia está inscrita na vida social e, assim como os outros atores, realiza tentativas de compreender os fenômenos.

Como, então, abarcar a riqueza de uma ocorrência de caráter acontecimental? E, além disso, como realizar contribuições interessantes para os estudos comunicacionais, quando analisamos os acontecimentos midiáticos?

Por ser um campo interdisciplinar, a comunicação recebe contribuições de vários outros ramos do saber. Um deles é a filosofia. Não é à toa que a corrente filosófica denominada pragmatismo tem fornecido uma interessante base de reflexão para objetos comunicacionais, por meio das principais temáticas trabalhadas por seus pensadores: experiência, contexto social, comunidade, investigação de fenômenos, ação social, linguagem, etc.

Especificamente para os estudos sobre acontecimento midiático, o pragmatismo também fornece uma valiosa matéria-prima. Essa corrente filosófica nos impulsiona a olhar para a experiência desencadeada pelo acontecimento, o contexto que cerca os atores sociais, a comunidade na qual estão inscritos, a investigação suscitada e a ação reordenada a partir do processo acontecimental em todas as esferas sociais (inclusive a midiática).

Assim, um olhar pragmatista poderá alargar os horizontes dos estudos sobre acontecimentos midiáticos, revelando aspectos ricos que não poderiam ser abarcados nem por uma simples análise do discurso dos *media*, nem na total exclusão deles do processo e tampouco pelo simples resumo das características do fenômeno em si.

Para darmos início à nossa análise, primeiramente iremos relembrar alguns conceitos.

## 1. Algumas Elucidações Necessárias

### 1.1. O Acontecimento

A palavra acontecimento nos remete a vários significados. Em nossas conversas cotidianas, costumamos utilizar o termo como sinônimo de ocorrência, como algo que

aconteceu. Outro uso comum é a associação do vocábulo a fenômenos marcantes: verdadeiros acontecimentos seriam aqueles eventos que chamam a nossa atenção, que se distinguem de outros ordinários na nossa vida comum. As Teorias do Jornalismo costumam aproximar o conceito de acontecimento aos fenômenos revestidos pelos critérios de noticiabilidade[3] e, portanto, merecedores de visibilidade midiática.

Dentre as diversas definições que circundam o termo, a que será objeto de reflexão neste trabalho[4] aproxima-se do segundo significado listado acima. Aproxima-se, mas não se resume a ele. Entendemos sim os acontecimentos como aqueles fenômenos que ganham destaque perante outros, que sacodem o nosso dia a dia, que "excedem as possibilidades previamente calculadas; rompem a seriação da conduta ou a do correr das coisas". (QUÉRÉ, 2005, p. 61). No entanto, nosso entendimento sobre o conceito não para por aí. O acontecimento tem sim algo de ruptura, mas a sua potencialidade para romper, o novo que ele aciona só existe frente a um sujeito, ou seja, na medida em que o acontecimento consegue afetar alguém:

> Porque o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa ou se produz, *mas também do que acontece a alguém.* (...) Quer dizer que ele afeta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas (...) (*ibidem*, p. 61, grifo nosso).

Portanto, o acontecimento por si só não é revestido de um poder imanente de ruptura, que apenas irá afetar sujeitos passivos. O fenômeno só se torna acontecimento em função da presença desse indivíduo que se deixa afetar. "O acontecimento se mede pela sua capacidade objetiva de afetar, por aquilo que de fato ele traz como potencial de mudança, e pela maneira como se insere no domínio da vida e das práticas sociais". (FRANÇA; ALMEIDA, 2009). E, nesse processo, o próprio fenômeno também é reconfigurado. Os sujeitos atravessados pelo acontecimento também o transformam, alteram seu sentido, se apropriam dele conforme suas percepções de vida. Ambos se remodelam reciprocamente em um processo de mútua afetação. Dizemos, então, que o acontecimento é um fenômeno inscrito na experiência:

[3] Conforme Lage (2001), são eles: proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo, identificação humana.

[4] Nossa abordagem terá grandes contribuições da perspectiva compartilhada pelo GRIS (Grupo de Imagem e Sociabilidade - UFMG), do qual faço parte, e que tem trabalhado há alguns anos com a temática "Acontecimento".

> Só há experiência quando há transação entre duas coisas que são exteriores uma à outra, por exemplo, entre um organismo e um meio que o rodeia, em que cada um é afetado pelo outro e reage segundo a sua constituição. (...) Uma pessoa não se limita a suportar o acontecimento, responde-lhe (QUÉRÉ, 2005, p.68-69).

Além de realizar um corte na cotidianidade da vida, o acontecimento realiza um corte temporal. Tanto a emersão do passado quanto do futuro são prismas temporais que não eram, até então, levados em consideração: só entram em cena a partir da ocorrência do acontecimento. Por um lado, os sujeitos passam a repensar a cadeia de fatos que antecederam um acontecimento e a rever os pontos de vistas que até então julgavam fundamentados. Segundo Arendt, o "sentido real de todo acontecimento transcende sempre as 'causas' passadas (...) mas, além disso, esse mesmo passado apenas emerge ao acontecimento" (1980, p.75).

Em outro fluxo do mesmo movimento, os atores sociais – frente a uma normalidade abalada – se veem obrigados a reprogramarem suas próximas ações e a reelaborarem suas ações futuras. Conforme Louis Quéré, essa seria a força que o acontecimento tem de dar o "o tempo a ver", mais do que se produzir somente no tempo. "Não só o nosso conhecimento do que é possível, mas também as nossas retrospecções e as nossas projeções se modificaram à luz do acontecimento" (2005, p. 63).

O acontecimento nos atravessa, nos faz falar, repensar, agir. Mais do que isso, fornece um valioso material para uma análise social, filosófica, comunicacional. Uma articulação dessas três esferas é o que tentaremos fazer a seguir.

### 1.2. Pragmatismo: uma "Filosofia da Ação"

Para a articulação proposta acima, vamos procurar perceber as costuras que se dão entre os conceitos de acontecimento (viés social), pragmatismo (corrente da filosofia) e acontecimento midiático (contribuições para o campo comunicacional). Antes disso, é necessária uma breve explicação sobre o que seria a corrente de pensamento pragmática[5].

O pragmatismo teve origem nos Estados Unidos, no fim do século 19. Os nomes que se destacam como teóricos fundadores e integrantes da chamada Primeira Geração são os de Charles Pierce, William James e John Dewey. Naquele momento, o pragmatismo não tinha a pretensão de ser um movimento intelectual, quiçá uma escola de filosofia.

[5]De antemão, antecipamos que não temos a pretensão de explanar toda a diversidade do pensamento pragmatista, com suas várias nuances, desdobramentos e até divergência internas. O objetivo é realizar um breve percurso sobre a temática, com o que entendemos ser essencial para a compreensão deste artigo.

Ele era apenas um simples grupo de estudantes que se encontrava para compartilhar percepções e opiniões acerca do mundo e da Academia. Faziam parte do Clube Metafísico – nome escolhido propositadamente de forma irônica para explicitar a oposição de seus membros à metafísica tradicional. De acordo com a abordagem metafísica, a razão humana era a pulsão motora do mundo, a centralidade estava no pensamento do sujeito, que se encarregaria de descobrir uma "verdade absoluta", escondida em um patamar a ser alcançado. Tal perspectiva era muito diferente do que pensavam os jovens pragmatistas: "a ideia inicial do pragmatismo era a eliminação dos dualismos característicos da metafísica, como realidade e aparência, corpo e mente, sujeito e objeto, etc" (GHIRALDELLI, 2007, p. 16).

Mas o que seriam exatamente essas diferenças que separavam metafísica de pragmatismo? O que marca a filosofia pragmatista? O que havia de novo na sua forma de ver o mundo?

De origem grega, a palavra "pragmatismo" se aproxima do vocábulo *práxis (*ação, prática, ato de fazer). E, de fato, é este o fio que vai perpassar toda a abordagem da corrente: o pragmatismo seria uma perspectiva filosófica que se baseia no valor da ação; da prática como constituidora dos sujeitos, das ideias, do significado, do tecido social, do mundo. A verdade não estaria mais no "mundo das ideias" (como pregava a metafísica), mas surgiria em função da ação, da prática – e seria essa a força propulsora do viver social. No pragmatismo, a ótica está sobre a ação dos sujeitos a fim de entendê-los, uma vez que o inconsciente é inacessível ou insuficiente para fornecer explicações.

No entanto, é preciso enfatizar, como bem pontuou Dewey (2007), que o pragmatismo "está muito distante daquela glorificação da ação pela ação". Se assim fosse, a corrente desprezaria qualquer racionalidade. Segundo o autor, o que os pragmatistas atribuem à ação é um *papel intermediário*, que aplicaria os conceitos abstratos à realidade para que ganhassem significado. De acordo com James, o pragmatismo se posicionava, portanto, como um "método com atitude (...) uma atitude de orientação" (2000, p. 28).

Para entender melhor o pensamento pragmatista, vamos utilizar a rica contribuição da pesquisadora carioca Thamy Pogrebinschi. Em seu livro *Pragmatismo: teoria social e política*, ela aponta os três elementos que formam o núcleo comum dessa corrente[6]: o

[6]As ideias nucleares do pragmatismo estão apresentadas aqui distintamente apenas para fins didáticos. Como a própria Pogrebinschi ressalta "a linha que separa esses três elementos é muito tênue, pois que eles estão largamente imbricados, relacionando-se mutuamente entre si, e apoiando-se uns nos outros até mesmo quando da definição de suas características próprias" (2005, p. 62).

antifundacionalismo, o consequencialismo e o contextualismo (2005, p.26-62). Outros autores já utilizaram essa sistematização da autora como contribuição para os estudos comunicacionais. Um exemplo é o da pesquisadora Paula Guimarães Soares, que utilizou esses três elementos para analisar a construção de celebridades midiáticas[7].

Em síntese, o *antifundacionalismo* seria a rejeição dos pragmatistas a todo e qualquer princípio permanente ou dogma. A verdade, as certezas, as crenças não são rígidas, mas tomam corpo e passam a ser legitimadas na experiência prática dos sujeitos. No lugar da fixidez, assume lugar privilegiado o atual, o contingente e a prática frente ao emergencial. Algo se torna verdadeiro à medida que serve para solucionar problemas.

Dewey até prefere usar o termo "assertibilidade garantida" (*warranted assertibility*) no lugar de "verdade". Segundo o autor, é preciso "tentar compreender como crenças autênticas acerca da existência podem operar proveitosamente e eficazmente em relação aos problemas práticos que são urgentes na vida real" (Dewey *apud* Pogrebinschi, 2005, p. 37). Assim, a verdade, os princípios, os significados tomam corpo na vida prática.

Já o eixo *consequencialista* do pragmatismo diz respeito à ênfase no futuro, à orientação no sentido prático, nas consequências que qualquer ato, objeto, ideia ou proposição sejam capazes de gerar: "É para o futuro que o pragmatista olha e é para lá que ele se direciona" (*ibidem*, p. 38).

Por fim, o *contextualismo* pragmatista pode ser resumido na interação entre os sujeitos e o ambiente; na importância de se olhar para o contexto que cerca a prática dos indivíduos, com destaque para o âmbito social, ou seja, para a comunidade na qual eles estão inscritos.

> Em outras palavras, trata-se de reivindicar consideração às crenças políticas, religiosas, científicas, enfim à cultura da sociedade e às relações que mantém com as instituições e as práticas sociais. A este corpo de crenças, o pragmatismo chama de experiência (...) e a experiência é o mais abrangente dos contextos. (...) Ainda, no centro dessa ideia, vale dizer, no centro do contextualismo pragmatista está o conceito de investigação e, mais especificamente, de comunidade de investigação (*ibidem*, p. 49).

Sobre comunidade de investigação, falaremos mais a seguir. Por ora, precisamos nos ater ao fato de que esses três elementos nucleares do pragmatismo serão imensamente

[7] SIMÕES, Paula Guimarães. A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica. Logos, v. 16, n. 2, p. 67-79, 2010.

importantes para entendermos como os conceitos dessa corrente são centrais para os estudos sobre acontecimento e acontecimento midiático.

## 2. Por uma Visada Pragmatista do Acontecimento

Em que aspectos o pragmatismo (uma corrente da filosofia) pode contribuir para se pensar o acontecimento (um conceito com viés mais social) ou ainda o acontecimento midiático (tema bastante pertinente aos estudos comunicacionais)? Para responder essa pergunta, a divisão do eixo comum do pragmatismo, realizado por Pogrebinschi, será novamente uma importante ferramenta.

### 2.1. Antifundacionalismo Pragmatista: Acontecimento e Experiência

Pelo fato de não apenas acontecer, mas acontecer a alguém, o acontecimento (e a produção de sentido em torno dele) é da ordem da experiência. E, como vimos até aqui, a experiência, a prática, a dimensão vivida dos indivíduos assume um lugar privilegiado na perspectiva do pragmatismo. John Dewey é um dos pensadores que mais se debruçou sobre essa temática[8]. Para ele, estamos em constante processo experiencial.

E a experiência que o autor destaca é aquela denominada por ele de *singular*. É a que Dewey chama de *uma* experiência, para distinguir de *a* experiência (essa última, de caráter incipiente, sem grande poder de afetar o sujeito). *Uma* experiência (a singular) "é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência" (DEWEY, 2010, p. 110). *Uma* experiência, para Dewey, é aquilo que marca, que distingue determinada ocorrência em meio a tantas outras da vida. Ela:

> ... define-se pelas situações e episódios a que nos referimos espontaneamente como 'experiências reais' – aquelas coisas de que dizemos, ao recordá-las 'isso é que foi experiência'(...) Ela destaca um momento duradouro (...) completa em si mesma, destacando-se por ter-se distinguido do que veio antes e depois (*ibidem*).

Da mesma forma, o acontecimento só se torna acontecimento à medida que ele transforma *a* experiência de um sujeito em *uma* experiência. Ele tem um poder de revelação, ao incidir sobre a vida do indivíduo e abrir para inúmeras possibilidades. Além de exigir um processo de compreensão de si, nos faz compreender novos horizontes, novos

[8] O conceito de experiência em John Dewey é extremamente rico, com desdobramentos bem mais complexos do que apresentados aqui. No entanto, nos aproveitaremos das contribuições dessa temática trazidas pelo pragmatista mais auxiliadoras na finalidade desse artigo.

possíveis. A dimensão vivida, experienciada do acontecimento o torna particular para cada indivíduo.

> Terá podido atingir sujeitos, individuais ou coletivos, fazer vítimas e sobreviventes, provocar, nos indivíduos e nas coletividades, sensações, emoções e reações, satisfazer ou desiludir, alegar ou horrorizar, satisfazer ou desesperar, aterrar ou traumatizar, alterar as 'vivências' para o bem ou o mal, resolver a situação das pessoas ou colocar-lhe novos problemas (QUÉRÉ, 2005, p. 67).

Por sua inscrição na experiência, por não possuir um poder de afetação em si ou pré-determinado. O acontecimento pode ser analisado sob a ótica antifundacionalista do pragmatismo. Não há um sentido *a priori*, inerente, dogmático dos acontecimentos. A sua verdade ou a nova verdade que ele desencadeia são formuladas apenas na dimensão prática, na dimensão do vivido, na experiência dos sujeitos. A imprevisibilidade e as incertezas da experiência humana não permitem dizer se um acontecimento irá afetar alguém e em que grau será essa afetação. Ninguém imaginava que o acontecimento "Manifestações estudantis em São Paulo" iria desencadear inúmeros protestos por todo o país. Não há padrões rígidos, não há regras, não há certezas no processo de um acontecimento. É a vida prática, a experiência atravessada pelo fenômeno que irá nos mostrar os rumos que ele irá tomar e com quais verdades irá romper ou qual irá suscitar.

### 2.2. Contextualismo Pragmatista: Acontecimento, Crenças e Investigação

Contexto (ou ambiente) são fundamentais para entender a experiência sob a ótica pragmatista. Dewey diz que "toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive (...) a interação dos dois constitui a experiência total vivenciada..." (2010, p. 122). E a palavra *interação* trazida por Dewey faz toda a diferença: não é apenas o contexto que influencia unilateralmente a experiência o sujeito, mas ambos se constituem mutuamente no bojo experiencial.

#### 2.2.1. Crenças

Um dos elementos desse contexto que afeta e é afetado pela experiência são as crenças. Conforme William James, "os indivíduos possuem um estoque de opiniões antigas que é colocado em movimento quando se defrontam como uma nova experiência. À turbulência disso, tenta-se escapar modificando a massa de opiniões prévias" (JAMES *apud* POGREBINSCHI, 2005. p 53).

Aqui, o núcleo contextualista do pragmatismo também é bastante útil para pensarmos o acontecimento. Por desencadear uma ruptura na experiência dos sujeitos, o acontecimento aciona o conjunto previamente difundido de normas, valores, convenções, configurações políticas e econômicas, crenças de uma sociedade. Por um lado, esse ambiente favorece (ou não) a passibilidade dos sujeitos de serem afetados. Por outro, toda a configuração institucional também emerge (e é remodelada) a partir do fenômeno acontecimental: "existe uma elaboração recíproca entre o contexto e o acontecimento". (BABO-LANÇA, 2006, p. 83).

Portanto, mais do que ocorrer sob determinadas condições, o acontecimento nos faz rever essas mesmas condições, as crenças, as certezas que, até então, estavam cristalizadas na vida social. Ele suscita novos discursos:

> O acontecimento é importante porque ele anuncia - ele pode anunciar – o novo (...). Ele não pode ser dito pelos discursos existentes, pois os ultrapassa na sua novidade e deve provocar o surgimento de outros discursos (...). O acontecimento suscita a não conformação, a renovação (FRANÇA, 2012, p.50).

Utilizando novamente o exemplo das recentes manifestações brasileiras, uma série de crenças, de opiniões já consolidadas junto ao público passaram a ser questionadas: o país do futebol precisa realmente sediar uma copa do mundo? Estamos mesmo vivendo um processo de crescimento e melhoria de vida nos últimos dez anos? A juventude da era digital é realmente alienada e despolitizada, como muitos julgavam? Toda a dimensão institucional e valorativa passa então a ser enxergada sob um novo prisma. O contexto é reformulado.

### 2.2.2. Comunidade de Investigação

Segundo os pragmatistas, esses indivíduos que sofrem *uma* experiência – e veem suas crenças, seus contextos abalados – são impulsionados a buscarem uma nova verdade, uma situação normalizadora, uma nova crença que reorganize sua vida social. Para isso, eles iniciam um processo de investigação (do francês: *enquête*):

> Investigação é a transformação dirigida e controlada de uma situação indeterminada em outra situação que é tão determinada em suas distinções e relações constituintes de modo a converter os elementos da situação original em um todo unificado (DEWEY, 1998, p.171).

Ao contrário da dúvida cartesiana (sujeito solitário), a dúvida pragmatista impulsiona uma *busca cooperativa da verdade*. Assim, o contexto social, ou seja, a comunidade na qual os indivíduos estão inscritos é de extrema importância nesse processo. Na busca por novas crenças, os sujeitos se inscrevem em uma *comunidade de investigação*. Eles se colocam conjuntamente em um movimento de olhar, nomear a situação problemática e tentar chegar a uma conclusão, por meio de um esforço comunitário.

Também no processo acontecimental, os sujeitos afetados iniciam a busca por uma solução, pela nova formatação da realidade. O acontecimento também instaura a sua comunidade de *investigação*, (a palavra também pode ser encontrada traduzida como *inquérito*, *enquete* ou *pesquisa*, como apresenta essa versão portuguesa do texto de Quéré):

> Na sua singularidade, o acontecimento é mesmo o pivô da pesquisa sobre uma dada situação, porque representa o que é crítico, no sentido literal do termo: permite fazer diferenciações e distinções, estabelecer oposições e contrastes, gerar alternativas e escolher respostas apropriadas (2005, p. 71).

Portanto, o conceito de comunidade de investigação, oriundo do pragmatismo, é outra forte contribuição do eixo contextualista da corrente para a análise de acontecimentos. Novamente nos reportando às "manifestações 2013", percebemos que várias comunidades de investigação têm sido articuladas para entender melhor o problema instaurado e se chegar a uma conclusão. Elas estão por toda a parte: na esfera política (congressistas e Poder Executivo tentando dialogar ou reprimir as manifestações); na estudantil (movimentos que se somam às ondas de protestos para solidificar antigas reivindicações); na midiática (veículos de comunicação e especialistas tentam dar conta, descrever o acontecimento e indicar os novos rumos do fenômeno), entre outras.

### 2.3. Consequencialismo Pragmatista: Acontecimento e Ação

Para John Dewey, a experiência singular (*uma* experiência) sempre traz uma articulação entre o suportar/agir. Para o filósofo, a experiência não é apenas o sentir; é um agir do sujeito. O sujeito é agente. Ele se deixa atingir por algo, mas não para por aí: associa isso a uma ação. E geralmente essa ação transforma o próprio sujeito e o ambiente que o cerca:

> O ser vivente sofre as consequências de seu próprio agir. Esta íntima conexão entre agir e sofrer ou padecer é o que chamamos experiência. O agir ou o sofrer, desconectados um do outro, não constituem nenhum dos dois a experiência. [...]

> Uma coisa vem a sugerir e a significar a outra. Temos, pois, uma experiência em um sentido vital e significativo (DEWEY, 1958, p. 110-111).

Esta ação dos sujeitos pode ser entendida como um método para atingir um determinado quadro, um determinado fim, uma "experiência integral" (usando as palavras do próprio Dewey): "... toda experiência integral se desloca para um desfecho, um fim, uma vez que só para depois que as energias nela atuantes fazem seu trabalho adequado" (2010, p. 118).

Também a experiência acontecimental requer uma ação pragmatista. O padecer dos sujeitos afetados pelo acontecimento não é em nenhum momento desligado da sua ação no mundo. Como já vimos, os indivíduos dirigem seu olhar para o futuro em busca da solução de problemas, em busca de uma conclusão. Essa característica da ação acontecimental vai ao encontro do eixo consequencialista do pragmatismo. Ao descortinar horizontes, ao provocar interpretações (daí vem o seu poder hermenêutico), o acontecimento reordena nossa conduta e nos obriga a fazer opções de como agir, com bases em nossas experiências:

> ... o poder hermenêutico do acontecimento é crucial para a organização da conduta e para a realização da ação, notadamente a ação coletiva (...). A observação e a interpretação de um acontecimento singular efetuam-se pois numa situação ou num campo e são orientadas por uma intenção prática: determinar uma resposta ativa de ajustamento que se deva fazer para promover um tipo de comportamento (QUÉRÉ, 2005, p. 71).

Portanto, inscrito na experiência, o acontecimento desencadeia ações. O sujeito, passível da afetação do fenômeno, é também ativo em todo o processo acontecimental.

Assim, retomando nossa costura, podemos a resumir a articulação entre o conceito de acontecimento e os três elementos comuns do pragmatismo: o acontecimento é [1 - antifundacionalismo] um evento inscrito na experiência dos atores sociais, [2 – contextualismo] que remodela e é remodelado pelo contexto, acionando comunidades de investigação e [3 – consequencialismo] que desencadeia um agir, reordena a conduta social.

Mas como essa articulação elucida os estudos sobre acontecimento midiático? É o que veremos a seguir.

## 3. Pragmatismo e Acontecimento Midiático

Por ser tão individual, por estar tão inscrito na experiência singular dos sujeitos, pode-se dizer que existe acontecimento (no sentido usado neste trabalho) midiático? Os

acontecimentos pelos quais os indivíduos tomam conhecimento apenas pela narração midiática podem afetar suas experiências particulares? E possível que, a partir de um acontecimento midiático, este mesmo sujeito elabore sua experiência singular ou, conforme Dewey, *uma* experiência? Os eixos antifundacionalista, consequencialista e contextualista se aplicam também para os estudos sobre acontecimento midiático?

Acreditamos que sim. O primeiro ponto que queremos enfatizar é que não se pode superestimar o discurso midiático. O fato de um acontecimento ocupar a pauta de dispositivos midiáticos não significa que sua potência será resumida à narrativa dos veículos de comunicação e que essa será o único insumo disponível para a análise do fenômeno. A abordagem que corroboramos foge da perspectiva determinista e midiacêntrica defendida por tantos autores. Entre eles, o francês Pierre Nora, para quem "o acontecimento deixou de ser uma garantia do real uma vez que é a midiatização que o constitui" (*apud* QUÉRÉ, 2012, p. 21). Não é essa visão construtivista que seguimos. Tal perspectiva simplifica a potência do acontecimento.

A dimensão simbólica (produção de sentido) não é exclusivamente midiática: ela é contextual, particular, individual. Mesmo tendo obtido conhecimento do fenômeno apenas pelo discurso midiático, os indivíduos podem ou não ser passíveis a ele. Podem se comover, podem odiar, podem ser indiferentes. Podem reverberar (ou não) essa afetação em suas experiências cotidianas, nos mais diversos graus. As leituras são imprevisíveis. O mesmo acontecimento "Copa das Confederações", amplamente difundido pelos *media*, tanto encheu alguns telespectadores de entusiasmo, quanto aumentou a revolta daqueles que manifestavam, inicialmente, contra o aumento das tarifas de ônibus. O acontecimento não tem em si um poder de ruptura. A narrativa midiática também não. Ambos estão sujeitos à leitura de um indivíduo atuante:

> O acontecimento não passa a existir somente quando e porque o percebemos; ele o é exatamente porque se faz perceber, e nos faz falar. Ele não significa apenas quando se faz discurso, mas é ele que tensiona os sentidos existentes, demanda para ser compreendido (...). Os acontecimentos não são apenas, como diz Mouillaud, o resultado do processo de informação, e a realidade não é apenas a matéria prima facetada pelo dispositivo midiático (são também, mas não apenas). Explicar a comunicação pela comunicação, o discurso midiático pela própria mídia, é neutralizar as demais esferas da vida da sociedade e obscurecer o real papel das práticas comunicativas – sua natureza constituinte e constituída, sua inserção na trama social (FRANÇA, 2012, p. 35).

Por outro lado, não devemos negligenciar a presença dos *media* no processo. E este é o segundo ponto que destacamos. O acontecimento não ganha importância apenas porque está na mídia mas, devido à sua importância, ele também demanda ser compreendido por ela – que é uma das camadas sociais afetadas. Afetada pelo acontecimento, a mídia também se dispõe a pensar sobre ele, a inscrevê-lo numa narrativa coerente e entendível para tentar compreender o que se passou e apreender o fenômeno à sua experiência.

Também não podemos negar que grande parte das ocorrências ganha visibilidade hoje pelo discurso dos veículos de comunicação. E essa visibilidade produzida pelo discurso midiático pode até mesmo potencializar o campo de afetação de um acontecimento. Ao publicizar os fenômenos, a mídia também publiciza os problemas instaurados pelo processo acontecimental. Assim, ela permite o acesso de um número maior de pessoas ao debate instaurado acerca do acontecimento. A partir dos comentários que os dispositivos midiáticos tecem aos acontecimentos, pode-se ter acesso às controvérsias públicas instauradas:

> Esses comentários constituem uma das formas de desenvolvimento do inquérito que explora o potencial de esclarecimento e discriminação dos acontecimentos, já que problematizam as situações discordantes por estes criadas ou reveladas com vistas a uma solução (QUÉRÉ, 2005, p. 74).

Dessa forma, foi graças à midiatização do acontecimento "atentado às torres gêmeas em 2001" que diversas comunidades de investigação foram instauradas por todo o mundo – até mesmo nas regiões mais distantes de Manhattan (New York, USA). Grandes questões, como o fundamentalismo religioso e a política externa dos Estados Unidos, não ocupavam, até então, a agenda da maior parte das pessoas mas passaram a ser debatidas em seus cotidianos a partir daquele momento.

Assim, não apenas a mídia não retira a potência do acontecimento, como o aproxima da experiência de sujeitos longínquos do "epicentro" do fenômeno. Dessa forma, seguimos o pensamento do sociólogo Louis Quéré. Ele defende o "retorno do realismo na abordagem do acontecimento", por acreditar em um "realismo pragmatista". Em outras palavras, o acontecimento midiatizado não se desrealizou, não deixou de ser real, porque ele se realiza enquanto experienciado pelos diversos sujeitos sociais, na dimensão sensível de cada um:

> Insisti na ideia de que a experiência não se desenvolve no universo da representação ou do discurso, sendo uma questão de transações com o entorno. (...) A recepção

> desses acontecimentos configurados no universo do discurso não deixa de ocorrer no domínio da experiência (2012, p. 37).

Olhar para os acontecimentos midiáticos a partir da experiência pragmatista nos permite, então, adotar uma visada mais rica do conceito. Iluminadas pelo olhar pragmatista, suas nuances poderão ser reveladas. Nesse sentido, a adoção de uma ótica antifundacionalista, consequencialista e contextualista poderá clarear indícios que auxiliarão os pesquisadores a abarcarem a riqueza de um estudo sobre acontecimento e trazer contribuições mais pujantes para a análise comunicacional destes fenômenos. Nem negligenciando o discurso midiático nem o considerando suficiente em si, o pragmatismo pode nos guiar rumo a uma análise mais fértil dos acontecimentos – incluindo aí a presença midiática nesse intrigante e rico processo.

## Referências Bibliográficas

ARENDT, H. **Compréhension et politique**. Espirit, 6, pp. 66-79. 1980.

BABO-LANÇA, I. **A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública.** In: Trajectos. Revista de comunicação, cultura e educação. Lisboa: ISCTE, 2005, p. 85-94.

_____. **A configuração dos acontecimentos públicos:** o caso República e as manifestações nos Açores em 1975. Lisboa: Minerva Coimbra, 2006.

Dewey, J. **Experience and nature**. New York: Dover Publications, Inc., 1958. 443p.

_____. **Ter uma experiência**. In: A arte como experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **The development of American pragmatism**. Scientiae Studia, v. 5, n. 2, p. 227-243, 2007.

**The Essential Dewey***: Volumes 1 and 2*. Editado por Larry Hickman e Thomas Alexander. Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

FRANÇA, V., ALMEIDA, R.. **O acontecimento e seus públicos***:* um estudo de caso. Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**,** América do Norte, 6, jul. 2009. Disponível em: www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article /view/3535/2588. Acesso em: 01 Jul. 2013.

FRANÇA, V. **O acontecimento para além do acontecimento**: uma ferramenta heurística. In:

FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. (orgs). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 p. 39-51.

JAMES, W. **Pragmatism and Other Writings**. New York: Peguin Books, 2000.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

POGREBINSCHI, T. **Pragmatismo**: teoria social e política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

QUÉRÉ, L. **A dupla vida do acontecimento**: por um realismo pragmatist*a*. In: FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. (orgs). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 p.21-38.

_____. **Entre fato e sentido**: a dualidade do acontecimento. In: Trajectos. Revista de comunicação, cultura e educação. Lisboa: ISCTE, 2005, p.59-75.

SIMÕES, P.G. **A mídia e a construção das celebridades**: uma abordagem praxiológica. Logos, v. 16, n. 2, p. 67-79, 2010.